

REFUGIADOS.DOC

Professor orientador: Luiz Claudio Ferreira

Aluna: Juliana Almeida Weizel de Fontoura Barreto

PROGRAMA DE
INICIAÇÃO CIENTÍFICA
PIC/CEUB

RELATÓRIOS DE PESQUISA VOLUME 9 Nº 1- JAN/DEZ •2023•

ISSN: 2595-4563





**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - CEUB
PROGRAMA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA**

JULIANA ALMEIDA WEIZEL DE FONTOURA BARRETO

REFUGIADOS.DOC

Relatório final de pesquisa de Iniciação Científica apresentado à Assessoria de Pós-Graduação e Pesquisa.

Orientação: Luiz Claudio Ferreira

BRASÍLIA

2024

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu professor orientador Luiz Claudio que fez mais do que o seu papel exigia. Como amigo, professor, conselheiro e futuro colega de profissão, o Luiz foi necessário para que eu chegasse até aqui. Esse trabalho também saiu do papel graças ao Otávio Mota, que segurou a minha mão, assumiu essa parceria e garantiu que eu tivesse a chance de completar o que eu me propus.

E agradeço profundamente minhas entrevistadas, Raissa e Nanci, que abriram suas vidas para mim e fizeram da ideia deste trabalho uma realidade. Fica aqui a minha esperança de vê-las conquistar todos os seus sonhos.

*O que nos tornou imunes aos apuros dos
mais desprivilegiados?*

(António Guterres)

RESUMO

Este relatório aborda reflexões a respeito da produção de vídeos para o projeto de iniciação científica “Refugiados.doc”. Entre os temas trazidos para estudo, incluímos o poder da linguagem audiovisual, as características da linguagem do documentário, e as discussões sobre o webdocumentário. O tema trabalhado, o dos refugiados na capital de Brasília, consistiu-se em um desafio em vista de que cidadãos contactados nem sempre concordaram em aparecer em vídeo. No entanto, os materiais registram posicionamentos sobre temas variados ligados à cidadania e direitos humanos dessas pessoas. Ao todo, foram entregues dois vídeos como matrizes referentes a cada uma das entrevistadas, mais catorze com cortes para redes sociais das principais respostas. Este material contempla perguntas sobre educação, meio ambiente, trabalho, redes de apoio, gênero e identidade. Um aspecto notável da produção foi a visibilidade dada às mulheres, o que ressalta a importância de considerar a perspectiva de gênero e as particularidades culturais em futuras produções sobre o tema. Optou-se por entregar ao público duas personagens com histórias distintas, demonstrando vivências e entendimentos diferentes sobre o refúgio e o ato de migrar. O método de investigação utilizado foi a imersão e o diálogo contínuo com a comunidade refugiada, o que permitiu uma compreensão mais profunda das suas realidades e desafios. O projeto serviu não apenas para documentar as experiências de vida, mas também enfatizou o papel crucial da mídia na promoção da inclusão social e na defesa dos direitos humanos. O trabalho realizado fornece uma base sólida para futuras iniciativas que busquem ampliar a representação e o entendimento das experiências dos refugiados, promovendo uma maior conscientização e empatia nas audiências. Os vídeos constam no apêndice deste trabalho.

Palavras-chave:

Refugiados; Webdocumentário; Jornalismo.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	9
2.1 O que é documentário (versus reportagem)	9
2.2 Web-documentário	12
2.3 Pré-produção a edição	13
2.4 Refugiados	14
3. MÉTODO	16
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	19
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	20
REFERÊNCIAS	22
APÊNDICES	23
APÊNDICE A — Roteiro Vídeo Nanci (formato completo)	23
APÊNDICE B — Vídeo Nanci (link formato completo)	30
APÊNDICE C — Roteiro Vídeo Nanci (formato para redes sociais)	31
APÊNDICE D — Vídeo Nanci (link formato para redes sociais)	34
APÊNDICE E — Roteiro Vídeo Raissa (formato completo)	34
APÊNDICE F — Vídeo Raissa (link formato completo)	40
APÊNDICE G — Roteiro Vídeo Raissa (formato para redes sociais)	40
APÊNDICE H — Vídeo Raissa (link formato para redes sociais)	43

1. INTRODUÇÃO

“Refugiados.doc” surge como uma expressão de jornalismo e documentação com um forte compromisso social, buscando ir além das abordagens tradicionais ao integrar a forma e o conteúdo de maneira crítica e reflexiva. Com uma proposta transdisciplinar, o projeto não apenas explora a temática dos refugiados, mas também agrega uma perspectiva comunicacional para oferecer uma visão mais completa e enriquecedora.

O projeto vai além da simples documentação; ele busca não apenas informar, mas também sensibilizar e engajar o público em uma discussão mais ampla sobre inclusão, diversidade e solidariedade. Através da criação de materiais audiovisuais que destacam as histórias pessoais, o projeto explora o poder da mídia como ferramenta de transformação social.

Os materiais serão postados em plataforma própria para serem distribuídos ao público de interesse. Como se trata de um material digital e da possibilidade de ser interativo e aberto, propõe-se a sustentabilidade do projeto que, inclusive, permite exceder o período de pesquisa, de forma a manter o site atualizado.

Em uma série de webdocumentários, o Distrito Federal é cenário para a interligação entre a comunidade observada e os temas explorados. No âmbito das produções audiovisuais voltadas para discussões sociais, destaca-se que o projeto culminou na entrega de dois vídeos completos de entrevistas, além de catorze vídeos com cortes específicos para redes sociais, focados nas principais respostas das entrevistadas.

O conteúdo dessas produções abrange uma variedade de tópicos relevantes, incluindo educação, meio ambiente, trabalho, redes de apoio, gênero e identidade. Um aspecto notável do projeto foi a ênfase na visibilidade das mulheres, sublinhando a importância de incorporar perspectivas de gênero e as particularidades culturais em futuras narrativas sobre o tema.

A escolha editorial do projeto foi entregar ao público as histórias de duas mulheres com trajetórias de vida distintas. Essa decisão permitiu explorar vivências e percepções diferentes sobre os conceitos de refúgio e migração, oferecendo uma visão mais ampla e diversa dos desafios e experiências enfrentados por essas mulheres.

Ao destacar a diversidade de suas histórias, o projeto não apenas ilumina as nuances da experiência de migração, mas também reforça a necessidade de uma abordagem sensível às questões de gênero e cultura na cobertura midiática e no diálogo público sobre esses temas. Essa perspectiva é essencial para uma compreensão mais completa e inclusiva das dinâmicas em questão na sociedade contemporânea.

Como aponta Nichols em seu livro “Introdução ao documentário (2005, p.201) “a voz política desses documentários encarna as perspectivas e visões de comunidades que compartilham uma história de exclusão e um objetivo de transformação social”. E a divulgação gratuita do projeto tem como intuito que diferentes agentes de interesse e formadores de opinião possam informar-se com o conteúdo, a fim de promover mobilização e esclarecimento sobre políticas públicas.

Assim sendo, a justificativa do projeto se dá em razão dos desafios de integração enfrentados por essas pessoas e pela superficialidade ou falta de abordagem dada pelos meios de comunicação não especializados. Foi essa lacuna inicial que impulsionou a concepção deste trabalho.

A problemática abordada aqui diz respeito à indagação sobre a condição em que as sociedades transacionaram a respeito da temática, destaca-se enquanto caminho para o melhor entendimento de como é possível contornar os futuros desafios. Nesse sentido, é crucial questionar a necessidade de se repensar as dinâmicas de segurança aos direitos humanos e como isso afeta a população que por vezes não encontra esse resguardo.

A ideia de produzir filmes sobre refugiados em uma plataforma dedicada, com um sistema eficiente de distribuição de conteúdo, visa ampliar significativamente a visibilidade desses indivíduos. Além disso, pretende-se fomentar a união de diversos atores interessados em colaborar para melhorar as condições e oportunidades disponíveis para essa comunidade.

Além dos vídeos, este relatório conduz em aspectos técnicos a produção da pesquisa realizada sobre o olhar da comunicação, das relações internacionais e o gênero do audiovisual na internet, com característica da interatividade.

Com isso, o objetivo primário da pesquisa é o de produzir uma série de reportagens interativas sobre refugiados no Distrito Federal e o acesso aos direitos.

Os objetivos secundários são:

- a) Explorar o uso do webdocumentário como ferramenta interativa para promover a conscientização sobre as necessidades dos refugiados;
- b) Promover o webdocumentário entre públicos interessados.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 O que é documentário (versus reportagem)

Ao longo da história da produção cinematográfica, o documentário fílmico desempenha um papel crucial na construção de narrativas que abrangem acontecimentos globais e o cotidiano das pessoas (Penafria, 1998). Segundo Nichols (2005, p.20), a tradição documental é profundamente enraizada na habilidade de transmitir uma sensação de autenticidade, enfatizando a importância da originalidade ou da fidelidade na representação.

Nichols (2005) argumenta que todos os filmes são, em certo sentido, documentários, seja ficção ou narrativas que buscam capturar recortes da realidade. Ele distingue dois tipos principais de documentários: (1) documentários de satisfação e desejo; e (2) documentários de representação social, cada um com propósitos distintos.

Este trabalho concentra-se nos documentários de representação social, também conhecidos como documentários de não-ficção. Estes filmes procuram explorar temas específicos que refletem o mundo compartilhado, articulando recortes da realidade social.

A ascensão da 'política de identidade', que tem valorizado a integridade de grupos historicamente marginalizados, confere ao documentário um papel fundamental na preservação das histórias suprimidas pela sociedade dominante. Conforme Nichols (2005, p.193;201), tais documentários proporcionam visibilidade social às “experiências antes tratadas como exclusiva ou principalmente pessoais; atestam uma comunhão de experiência e as formas de lutas necessárias para superar o estereótipo, a discriminação e a intolerância”.

O documentário nos permite ter uma visão mais ampla de questões que precisam de nossa atenção, “o vínculo entre o documentário e o mundo histórico é forte e profundo. O documentário acrescenta uma nova dimensão à memória popular e à história social” (Nichols, 2005, p.27). Portanto, o que dá a particularidade do gênero documentário repousa na organização que sustenta o argumento, a afirmação ou alegação apresentada sobre o mundo histórico. Como simplifica Ramos (2008, p.22), o documentário estabelece asserções.

No documentário, o entrelaçamento de vozes visa conduzir o espectador a uma compreensão clara do posicionamento do cineasta sobre o tema abordado. Todo o trabalho é direcionado para marcar a perspectiva do diretor (Melo, 2002, p. 32). As pessoas nos documentários de não-ficção são retratadas como agentes sociais: elas continuam a viver suas vidas cotidianas da mesma forma que fariam sem a presença de uma câmera; são atores culturais cujo valor para o cineasta reside não apenas na relação contratual, mas na própria vida dos personagens.

Nichols (2005) argumenta que os documentários não seguem um conjunto fixo de técnicas, nem se limitam a conjuntos específicos de questões ou a um complexo de formas e estilos. A prática documentarista está constantemente evoluindo.

“Ao mesmo tempo em que são tentadas as abordagens alternativas, elas também são abandonadas para, logo em seguida, serem adotadas ou abandonadas por outros cineastas, sendo inegável na prática a presença da contestação” (Sousa, 2017, p.28).

Há três maneiras, segundo Nichols, pelas quais o documentário se conecta com o mundo através da representação. Primeiramente, os documentários oferecem um

retrato ou representação reconhecível do mundo, capturando situações e eventos com uma fidelidade notável. Nos documentários, vemos pessoas, lugares e coisas que poderíamos encontrar pessoalmente fora da tela cinematográfica.

A segunda diz que o documentário também assume o papel de representante do público, representando interesses de outros. E, na terceira, o autor faz uma comparação em que os documentários podem representar o mundo como um advogado representa seu cliente: “colocam diante de nós a defesa de um determinado ponto de vista ou uma determinada interpretação de provas” (NICHOLS, 2005, p. 28).

Nichols (2005) argumenta por uma abordagem de montagem que dá menos ênfase à continuidade narrativa (como ocorre na ficção), optando em vez disso pela montagem de evidências, minimizando cortes visíveis entre as tomadas. Como exemplificado no documentário analisado neste estudo, busca-se "dar a sensação de tempo e espaço únicos - correspondendo ao uso da história no documentário, onde as situações estão relacionadas temporal e espacialmente com base em suas conexões reais" (Sousa, 2017, p. 32).

Quanto à distinção desse formato em relação à reportagem, aponta-se inicialmente que eles possuem vínculos tênues, pois “historicamente, o documentário surge nas beiradas da narrativa ficcional, da propaganda e do jornalismo. A frase clássica de Grierson define o documentário como tratamento criativo das atualidades” (Ramos, 2008, p.55).

No entanto, o documentário não é mera atualidade, ele interpreta essa realidade com um status artístico, permitindo espaço para a expressão do ponto de vista autoral, o que geralmente está ausente na reportagem.

O formato adotado neste projeto revela-se como uma narrativa que possui uma estrutura autossuficiente, com início e fim dentro de si mesma, geralmente consumida em uma unidade temporal específica. Em contraste, a reportagem é predominantemente articulada dentro de um formato enunciativo que compõe um programa televisivo.

Em suma, depreende-se que a reportagem “é uma narrativa que enuncia asserções sobre o mundo, mas que, diferentemente do documentário, é veiculada dentro de um programa televisivo chamado telejornal” (Ramos, 2008, p.58). Que se promovem por acontecimentos cotidianos de dimensão social, os quais são chamados de notícias, não sendo observado com tal rigor esse vínculo no formato de documentário, pelas características citadas neste tópico.

2.2 Webdocumentário

De acordo com Silva (2017), a evolução dos meios técnicos serviu para confirmar as potencialidades do documentário mas não para alterar sua identidade, diante do contínuo aperfeiçoamento de comunicação e das tecnologias, obras de multimídias estão acessíveis sem perder seu gênero documentarista.

Tanto em ferramentas de publicação como em transmissões de vídeos para internet, a produção documentarista passa a incorporar narrativas e elementos pertencentes aos meios digitais, como a interatividade, a hipertextualidade, a convergência e a memória (Spinelli, 2013, p. 171).

Falar em webdocumentário significa retomar a função original do documentarismo e investigar seu potencial educativo. Segundo os autores, a falta de uma forma exclusiva na produção de um documentário não impossibilita que o espectador saiba quando está diante de um. Independentemente de como ele é feito, conceitos e definições, presume-se que o ouvinte sabia quando o filme assistido é uma produção cinematográfica (Gregolin; Sacrini; Tomba, 2002).

Os autores levantam o questionamento: pode-se dizer o mesmo diante de um produto disponível na web, visto através de um computador e feito com a mesma finalidade com a qual são feitos os documentários?

Há características que diferem o webdocumentário do documentário tradicional, mas mesmo assim, a base do documentário continua presente como os problemas e as realidades do presente do mundo em que vivemos. (Nichols, 2005. p.47).

Esse tipo de produção traz novas maneiras de se contar histórias através de meios digitais, o que traz a convergência midiática e interação com o receptor, assim pode resultar em mercados midiáticos, distribuídos em várias plataformas como computadores e dispositivos móveis (Spinelli, 2013).

2.3 Pré-produção a edição

Para a elaboração de um webdocumentário (como é o caso deste PIC), a montagem de um passo a passo é fundamental. Neste caso, utilizamos como meta a organização das ações de produção, gravação e edição. Cada um desses itens foi importante para a realização do trabalho. A produção é a etapa em que constitui a pesquisa para o embasamento da proposta.

Segundo Puccini, é essa fase do estudo que tem a função de garantir condições para o aprofundamento dessa pesquisa para que só então possa ser iniciada a etapa de filmagem (Puccini, 2009. p.180). Além da pesquisa, outro recurso usado na produção é a utilização de material de arquivo. É ainda nessa fase que o pré-roteiro e o roteiro são construídos.

Para Sérgio Puccini (2009, p. 186), o documentário se estrutura em três principais componentes: os registros originais, o material de arquivo e os recursos gráficos. A manipulação do som também desempenha um papel crucial na construção estilística do documentário. A direção de um documentário é mais resultado de um processo de investigação guiada por conclusões preliminares obtidas durante a fase de pesquisa do que de uma investigação espontânea.

Em termos práticos, a filmagem representa a coleta de evidências que confirmam ou refutam as relações e suposições fundamentais identificadas anteriormente (Puccini, 2009. p.180). Dessa forma, o trabalho envolverá tanto a aplicação prática quanto a teórica, abrangendo desde a seleção dos personagens até a viabilidade das filmagens, passando pela produção, montagem adaptada para internet, edição, pós-produção e publicação dos conteúdos estruturados para a web.

2.4 Refugiados

A estimativa do Comitê Nacional para os Refugiados (Conare) e do ACNUR é que, no início de 2023, existiam mais de 65 mil pessoas reconhecidas como refugiadas no país. São pessoas de 117 países registrados pelo Ministério da Justiça. Em um relatório da ACNUR, tem-se que foram feitas 29.107 solicitações da condição de refugiado, sendo que o Conare reconheceu 3.086 pessoas de diversas nacionalidades como refugiadas.

“Tanto os homens (55,2%) como as mulheres (44,8%) reconhecidos como refugiados encontravam-se, predominantemente, na faixa de 5 a 14 anos de idade (50,4%). A nacionalidade com maior número de pessoas refugiadas reconhecidas, entre 2011 e 2021, é a venezuelana (48.789), seguida dos sírios (3.682) e congolese (1.078)” (ACNUR, 2021).

A maior parte (72,2%) das solicitações apreciadas pelo Conare foram registradas nas Unidades da Federação (UFs) na região norte do Brasil.

O Acre teve o maior volume de solicitações de refúgio apreciadas pelo CONARE (47,8%), seguido por Roraima (14,7%).

O Distrito Federal, onde serão realizadas a pesquisa e os filmes, teve 10,7% das solicitações de reconhecimento da condição de refugiado apreciadas pelo Conare, em 2021. Naquele ano, o Brasil recebeu solicitações de venezuelanos (78,5%), angolanos (6,7%) e haitianos (2,7%).

Os desafios de integração de pessoas refugiadas constituem um tema que é tratado apenas de forma episódica pelos veículos de comunicação. Esse foi o incômodo inicial que motivou a elaboração deste projeto.

Produzir filmes sobre refugiados em uma plataforma própria, com um caminho eficaz de distribuição de conteúdos, pode colaborar para a maior visibilidade desses cidadãos, e união de atores interessados em colaborar com essas pessoas.

O documento relativo aos refugiados no âmbito da Organização das Nações Unidas (ONU) atualmente é a Convenção de Refugiados, de 1951. Ela estabelece a criação do “Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados” (ACNUR), e

determina caber a ele determinar o estatuto de refugiado segundo a própria convenção, e também a determinar qualquer resolução superveniente sobre o tema que venha a ser criada pela Assembleia Geral das Nações Unidas. A Convenção de 1951 determina também que os Estados que dela participaram devem obedecer às diretrizes do tratado para estabelecerem seus próprios estatutos de refugiados.

Requisitos necessários para se compreender alguém como refugiado são: o receio de ser perseguido em seu país de origem; as razões de perseguição já efetivadas; e o fato de se estar fora do país de que se tem nacionalidade. Os dois primeiros requisitos são alternativos entre si, enquanto o terceiro se lhes deve estar cumulado.

As razões de perseguição, ou de receio de perseguição, podem se dar devido a questões raciais, religião, nacionalidade, pertencer a certos grupos sociais, e pela opinião política.

No que tange ao fato de se estar fora de seu país de origem, isso significa que, para ser considerado refugiado, o indivíduo deve se encontrar em outro país que não o qual ele possua vínculo de nacionalidade. No entanto, este trabalho propõe repensar também a condição de refúgio dentro do próprio país, à luz da questão indígena que não se encontra amparada pelo mesmo estatuto do direito internacional.

O deslocamento interno de pessoas, um fenômeno cada vez mais comum no contexto global, representa um desafio significativo dentro do âmbito de refúgio e migração forçada. Ao contrário dos refugiados que cruzam fronteiras internacionais, os deslocados internos permanecem dentro dos limites de seu próprio país. Esses indivíduos são frequentemente forçados a se deslocar devido a conflitos armados, perseguições, desastres naturais ou violências generalizadas, mas não se enquadram na definição legal de refugiados segundo o Direito Internacional. Essa distinção não apenas afeta o status jurídico dessas pessoas, mas também tem implicações significativas na proteção e assistência que recebem.

De acordo com o Relatório Global de Deslocamento Interno, milhões de pessoas ao redor do mundo vivem atualmente como deslocados internos, com grandes concentrações na África Subsaariana, Oriente Médio, Ásia e América Latina. No

entanto, a complexidade das situações de deslocamento interno exige uma abordagem multidimensional que vá além das respostas humanitárias de emergência. A necessidade de integrar considerações de gênero, cultura e identidade torna-se essencial para entender as diferentes formas de experiência e resiliência entre os deslocados internos.

“Quase 61 milhões de novos deslocamentos internos, ou movimentos, foram registrados em 2022, de acordo com um relatório recém-divulgado do Centro de Monitoramento de Deslocamento Interno, com um aumento de 60% em relação ao ano anterior”, aponta a Organização Internacional para as Migrações.

Este estudo visa explorar as dinâmicas do deslocamento interno dentro do contexto do refúgio. Especificamente, analisaremos como as experiências de mulheres deslocadas internamente são influenciadas por fatores como educação, trabalho e redes de apoio, e como essas experiências diferem das de seus homólogos masculinos.

Ao examinar os aspectos críticos do deslocamento interno, este estudo contribui para uma compreensão mais profunda dos mecanismos de vulnerabilidade e resiliência, além de oferecer recomendações para aprimorar a proteção e assistência a essas populações dentro de seus países de origem. Ao iluminar as nuances do deslocamento interno, buscamos fomentar um diálogo mais informado e inclusivo sobre as complexidades do refúgio e migração.

3. MÉTODO

O presente trabalho foi desenvolvido utilizando a metodologia qualitativa baseada em entrevistas presenciais. A escolha por esta abordagem foi motivada pela necessidade de obter uma visão profunda e contextualizada das vivências desses indivíduos, que frequentemente são complexas e multifacetadas.

O objetivo principal foi captar em vídeo e analisar as suas experiências pessoais, obstáculos enfrentados e estratégias adotadas para estabelecer e manter suas vidas em Brasília.

Os participantes foram selecionados com base em sua presença e participação no evento Empreendedorismo sem Fronteiras, que ocorreu no dia 29 de junho de 2024, no Memorial dos Povos Indígenas localizado na Zona Cívico-Administrativa de Brasília. A feira marcou a Semana do Migrante e Refugiado no Brasil e do Dia Mundial dos Refugiados.

O evento foi escolhido por sua relevância e pelo perfil dos participantes, além de ser organizado pelo Instituto Migrações e Direitos Humanos e pelo Serviço Jesuíta a Migrantes e Refugiados Brasil, instituições de relevância sobre o tema no Distrito Federal.

Antes das entrevistas, foi realizado um planejamento detalhado que incluiu a elaboração de um roteiro de perguntas semi-estruturadas. As perguntas foram desenhadas para explorar temas-chave como motivações, desafios enfrentados, recursos utilizados e redes de apoio. O roteiro também permitiu flexibilidade para adaptar as perguntas de acordo com as respostas dos entrevistados.

Perguntas orientadoras na entrevista:

1. - Como você descreveria a sua experiência pessoal financeira desde que chegou ao Brasil?

- Quais ações de solidariedade ou suporte você encontrou na comunidade brasileira para ajudar com essa questão?

2. - Como foi o processo de acesso à educação e aprendizado do idioma português desde que chegou ao Distrito Federal?

- Quais foram os maiores desafios enfrentados no sistema educacional brasileiro?

3. - Poderia compartilhar os desafios específicos que passou como mulher refugiada?

4. - Como é a vida dos filhos em um novo país? Quais são os principais desafios que enfrentam?

5. - Como é a acessibilidade aos cuidados de saúde em Brasília?

6. - Quais são as oportunidades de trabalho que você viu disponíveis em Brasília?

- Como foi a sua participação no mercado, a construção do seu nome até a estabilidade de hoje?

As entrevistas foram conduzidas presencialmente após o evento, conforme disponibilidade dos entrevistados, garantindo um ambiente natural e confortável para os participantes. Duas foram selecionadas para o presente trabalho, onde optaram por realizar uma em sua casa e a outra no Parque da Cidade. Cada entrevista teve uma duração média de 60 minutos. As sessões foram gravadas com permissão dos participantes para garantir a precisão na transcrição e análise dos dados.

Após a conclusão das entrevistas, as gravações foram transcritas integralmente. As transcrições foram cuidadosamente revisadas para assegurar a fidelidade ao discurso dos participantes. Todo o processo de transcrição foi realizado com a máxima confidencialidade e respeito à privacidade dos entrevistados.

A análise dos dados seguiu uma abordagem de análise de conteúdo qualitativa. As transcrições foram codificadas para identificar temas e padrões recorrentes nas respostas. A codificação inicial envolveu a identificação de categorias emergentes relacionadas às perguntas propostas e às experiências individuais.

Os dados foram organizados a partir do processo de decupagem e cada segmento foi relacionado ao objetivo de construção dos episódios deste web-documentário. Essa análise permitiu a identificação de padrões comuns e diferenças significativas nas experiências dos entrevistados.

A metodologia adotada proporcionou uma compreensão detalhada das vivências das duas mulheres escolhidas para compor o resultado final do projeto. As entrevistas presenciais permitiram captar nuances e emoções que poderiam ser perdidas em outras formas de coleta de dados. Os resultados oferecem insights valiosos para apoiar essa comunidade e contribuir para a formulação de políticas e práticas mais eficazes.

Em conclusão, o trabalho evidencia a importância de ouvir diretamente os protagonistas envolvidos no processo de refúgio, oferecendo uma base sólida para futuras pesquisas e intervenções destinadas a apoiar esta população vulnerável.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A utilização da linguagem audiovisual foi fundamental para captar e transmitir a complexidade das experiências dos refugiados. A escolha de vídeos como meio principal de comunicação permitiu uma imersão mais profunda nos contextos pessoais e sociais dos entrevistados. A linguagem audiovisual tem o poder de evocar emoções e oferecer uma representação mais vívida das histórias individuais, algo que é frequentemente menos impactante em outros formatos de mídia. Esta abordagem facilitou uma conexão empática, ajudando a humanizar a experiência dos refugiados.

Os vídeos focaram nos depoimentos e experiências dos próprios entrevistados. Esta escolha visou preservar a autenticidade das narrativas e permitir que os refugiados fossem protagonistas de suas próprias histórias. A técnica revelou-se eficaz em proporcionar uma visão direta e pessoal das dificuldades e esperanças desses indivíduos.

Um dos principais desafios enfrentados durante a produção foi a resistência de alguns cidadãos em participar dos vídeos. A hesitação em aparecer nas gravações pode ser atribuída a preocupações com privacidade ou receios sobre a exposição pública. Para superar esses desafios, foram adotadas estratégias de construção de confiança e sensibilização. A equipe de produção dedicou tempo a explicar o objetivo do projeto e a garantir que a participação seria segura e voluntária.

Apesar dessas dificuldades, a produção resultou na captura de uma ampla gama de perspectivas sobre temas ligados à cidadania e direitos humanos desse grupo social. A qualidade dos vídeos reflete o esforço para respeitar e destacar as histórias das entrevistadas, mantendo o foco em suas próprias palavras e experiências.

Uma observação notável foi a maior aceitabilidade das mulheres de estar presente nas gravações. Este fenômeno pode ser interpretado de várias maneiras. A maior representação feminina pode indicar um maior engajamento das mulheres no contexto estudado ou uma maior disposição para compartilhar suas histórias.

A presença predominante das mulheres pode ter implicações importantes para a compreensão dos desafios enfrentados por esse grupo, como questões de gênero e desigualdade social. Além disso, pode abrir espaço para uma discussão mais ampla sobre as diferentes experiências de refugiados com base no gênero.

Os vídeos produzidos não apenas documentam as experiências, mas também servem como ferramentas de sensibilização e educação para o público em geral. A abordagem direta promove uma compreensão mais autêntica e profunda das realidades vividas por esses indivíduos. As discussões geradas a partir desses vídeos podem contribuir para a formulação de políticas públicas mais inclusivas e para o desenvolvimento de iniciativas de apoio mais eficazes para os refugiados.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção enfrentou desafios significativos, incluindo barreiras linguísticas, dificuldades logísticas e a necessidade de um profundo entendimento cultural para garantir uma representação justa e precisa. Contudo, superamos esses obstáculos por meio de uma colaboração estreita com a comunidade refugiada, especialistas em direitos humanos e profissionais da área audiovisual. Essa abordagem colaborativa foi essencial para garantir a integridade e a relevância do material produzido.

A ênfase na visibilidade das mulheres foi intencional e busca destacar a experiência particular das mulheres refugiadas, que frequentemente enfrentam desafios adicionais relacionados à sua condição de gênero, e que muitas vezes são sub-representadas em discursos mais amplos sobre o tema. A visibilidade maior das mulheres nos vídeos sublinha a importância de considerar a perspectiva de gênero em futuros estudos e produções sobre o tema.

Além disso, o projeto abriu um espaço para reflexões mais profundas sobre como a linguagem audiovisual pode ser uma ferramenta poderosa para a inclusão social e a promoção dos direitos humanos.

Para futuras iniciativas, é fundamental continuar a explorar e expandir a representação de diferentes perspectivas e vozes, garantindo que todas as nuances das experiências dos refugiados sejam abordadas de maneira inclusiva e respeitosa. A continuidade do projeto pode incluir a ampliação para outras regiões, a incorporação de novas tecnologias e métodos de narrativa, e a colaboração com organizações locais para aprofundar o impacto social e educacional dos materiais produzidos.

Em conclusão, “Refugiados.doc” não apenas trouxe à tona as histórias de vidas em busca de segurança e dignidade, mas também reafirmou o papel crucial da mídia na promoção da compreensão intercultural e na defesa dos direitos humanos. O aprendizado obtido com este projeto fornece uma base sólida para futuros esforços que visem não apenas documentar, mas também transformar a percepção e o tratamento dos refugiados em nossas sociedades.

REFERÊNCIAS

- ACNUR (1951). Convenção Relativa ao Estatuto dos Refugiados. Disponível em: <http://www.acnur.org/fileadmin/scripts/doc.php?file=fileadmin/Documentos/portugues/BDL/Convencao_relativa_ao_Estatuto_dos_Refugiados>. Acesso em: 12 de agosto de 2024.
- ACNUR (1998). Princípios Orientadores relativos aos Deslocados Internos. Disponível em: <[http://www.acnur.org/fileadmin/scripts/doc.php?file=fileadmin/Documentos/portugues/BD Legal/Documentos da ONU/Principios orientadores relativos aos deslocados_internos_1998](http://www.acnur.org/fileadmin/scripts/doc.php?file=fileadmin/Documentos/portugues/BD Legal/Documentos da ONU/Principios_orientadores_relativos_ao_deslocados_internos_1998)>. Acesso em: 12 de agosto de 2024.
- ACNUR (2017). Deslocados internos: fugindo em sua própria terra. Disponível em: <<http://www.acnur.org/portugues/quem-ajudamos/deslocados-internos/>>. Acesso em: 12 de agosto de 2024.
- GREGOLIN, M.; SACRINI, M.; TOMBA, R. A. Web-documentário: uma ferramenta pedagógica para o mundo contemporâneo. 2002. Trabalho de conclusão de curso (Graduação) – Faculdade de Jornalismo, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2002.
- JUNGER, Gustavo; CAVALCANTI, Leonardo; OLIVEIRA, Tadeu de; SILVA, Bianca G. Refúgio em Números (7ª Edição). Série Migrações. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração Laboral. Brasília, DF: OBMigra, 2022.
- MELO, C. T. V. de. O documentário como gênero audiovisual. Comunicação & Informação, Goiânia, Goiás, v. 5, n. 1/2, p. 25–40, 2013.
- NICHOLS, Bill. Introdução ao documentário. Tradução Mônica Saddy Martins. Campinas, SP: Papyrus, 2005.
- PENAFRIA, Manuela. Unidade e diversidade do filme documentário. Universidade da Beira Interior, 1998.
- PUCCINI, Sérgio. Roteiro de documentário: Da pré-produção à pós-produção. Brasil: Papyrus Editora, 2022.
- SOUZA, Lorene. Webdocumentário, documentário interativo: A produção documental interativa no suporte digital. 2017. 195 f. Dissertação (Mestrado em Tecnologias, Comunicação e Educação) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2017.
- SPINELLI, Egle. Webdocumentário: implicações dos recursos tecnológicos. Revista Comunicação Midiática, v.8, n.2, pp.169-183, mai./ago. 2013.
- UNHCR. Global Trends Report. Disponível em: <<https://www.unhcr.org/global-trends>> . Acesso em: 14 de agosto de 2024.

APÊNDICES (OPCIONAL)

APÊNDICE A — Roteiro Vídeo Nanci (formato completo)

Card de abertura

Sob som

Segue entrevista em sequência

Desce som

Meu nome é Nanci, ou Nanci como o pessoal fala aqui, né. Eu tenho 30 anos e na Venezuela eu me formei. Eu me formei em contabilidade, estudei, trabalhei, eu saí da Venezuela e quando eu saí eu deixei a minha profissão lá.

Quando eu cheguei aqui eu falei tudo o que for para eu fazer, eu faço, certo? Sempre que não, assim, não violo meus princípios e tal, moralmente, tudo, eu faço. Na Venezuela eu me formei em contabilidade, mas aqui eu já fiz muitas coisas. Eu saí da Venezuela no ano 2017, foi novembro de 2017.

E aí você veio direto para o Brasil? Foi direto para o Brasil, eu saí da Venezuela na época que teve uma situação muito complicada economicamente na Venezuela, foi assim, foi o ápice de tudo ruim, tudo muito feio, uma situação muito complicada, todo mundo estava saindo em massa para outros países. A princípio eu não pensei no Brasil por conta do idioma, falei gente, como é que eu vou falar, como é que eu vou fazer amigos, como é que eu vou trabalhar? Gente, não, eu não vou conseguir, só que quando eu saí foi a única oportunidade que eu tive. Aí eu saí da Venezuela, saí até Roraima, acho que foi em que ano? 2017.

Aí eu saí até Roraima, Boa Vista, a gente teve só quatro dias, porque saí com meu marido. Quatro dias em Roraima e daí foi direto para cá, para Brasília, foi assim que a gente chegou aqui, foi de avião graças a Deus, porque a viagem de Boa Vista para cá é muito longa e não é nada fácil não, é toda uma aventura, mas a gente chegou aqui em Brasília. A princípio a ideia não era o Brasil, eu falei não, esse território eu não vou

lá, não foi por preconceito ou é que eu já ouvi alguma coisa do Brasil, foi netamente o idioma.

Falei gente, eu não vou conseguir, eu já estava bloqueada, eu estava assim, só que quando estava esse momento difícil da Venezuela, todo mundo estava saindo, meu marido ele cogitou de eu vou sair daqui andando, porque foi uma época em que o venezuelano saía a pé para outros países, para Colômbia principalmente e para Peru. Eu pensei em morar em Peru, eu queria ir para lá por conta do idioma novamente, eu falei eu pareço peruana, então vai ser um pouco mais fácil, o idioma vai ser, eu vou ter oportunidade de trabalho, eu pensava era isso, oportunidade de trabalho. Na época eu não tinha filhos, o projeto era meu marido e eu, a gente sair para construir alguma coisa fora da Venezuela.

Na época que a gente estava procurando tudo, teve um primo, era a única pessoa, o único contato que eu tinha aqui em Brasília, ele falando assim, eu posso emprestar para você a passagem, Boa Vista para Brasília e aqui eu te ajudo a achar um aluguel, eu te ajudo assim, o primeiro contato com o pessoal aqui e eu falei pronto, essa é a oportunidade que eu preciso, eu preciso é alguém para me orientar, só isso e obviamente para comprar as passagens, porque na época a gente trabalhava um mês, eu como contadora, meu marido como administrador e a gente trabalhava um mês só para comer uma semana, as próximas três semanas a gente tinha que se virar, entendeu? Assim, tipo, eu não vou tomar o café para poupar para a janta e tal, era desse jeito. Sendo essa situação, como é que a gente vai juntar o dinheiro para sair? Era esse o cenário que a gente tinha na época. Quando eu cheguei aqui eu não tinha nada de conhecimento do português, só o oi, tudo bem, tudo bom, meu nome é Nancy, só isso, foi com isso que eu cheguei aqui.

Eu aprendi e é o que eu costumo falar para todo mundo que quer aprender uma língua é falar com nativos, não tem como, você pode estudar sim, é muito bom isso de você precisa estudar, mas você vai praticar de boa como nativo e foi assim, eu me lembro que eu cheguei o dia 4, já o dia 11 ou 13 de novembro eu já tinha emprego, eu não sabia falar nada, eu sempre conto que o meu chefe, teve um momento que ele pediu para mim pelo telefone, Nancy, por favor, você acha para mim o CNPJ?

Gente, eu achava que o CNPJ era uma coisa e eu, meu Deus, eu tive que sair da sala, foi esse tipo de experiência que eu tive aqui o que será isso, meu Deus, o que ele está pedindo, é isso aqui, é isso aqui, é isso aqui, foi assim que eu aprendi, foi na marra, como vocês falam, foi assim que eu aprendi depois eu recebi uma aula, tipo, 3 anos depois, só que quando o professor ele me ensinou, ele chegava aqui em casa, ele tentou me ensinar o que eu já sabia, entendeu, o básico eu falei, não gente, não é com ele, eu preciso é uma coisa mais forte, porque isso aí eu já sei, mas assim, eu não recebi uma aula para aprender o português, eu aprendi, foi na rua. Annie, o que foi?

E essa questão, ter a minha filha, ela ter uma qualidade de vida, ela estar tranquila, ter uma infância normal, porque até isso não tem na Venezuela uma infância normal, não, tem criança na Venezuela que, por exemplo, tem 4 anos e não sabe o que é uma uva, não sabe o que é uma manzana, entendeu, aí aqui você compra tranquilo, né, e tudo isso eu falo, eu não me arrependo de ter vindo para cá para o Brasil, o Brasil facilitou muita coisa.

Aqui em casa é só espanhol, aqui em casa é só espanhol, a minha meta é dar esse presente para ela, porque para mim uma língua nova é um presente, e eu quero dar esse presente para ela, para ela ter esse conhecimento, para ela ter mais oportunidade e também para ela ter essas raízes de onde a mãe dela vem, que eu não esqueço, e que eu quero passar isso para ela, contudo, ela nasceu aqui no Brasil, ela tem que falar o português, só que eu não me preocupo, por quê?

Porque na escola vai ter muita chance, ela vai aprender, com certeza ela vai aprender, ela vai se comunicar super bem Eu sempre falo, ela é brasileira, ela vai aprender o idioma, e o que eu não quero é que ela perca a oportunidade de aprender o espanhol, e é por isso que até agora, assim, ela tem as suas palavras, ela sai na rua, ela consegue entender o pessoal, o pessoal fala com ela, aí ela consegue entender, ela dá esse retorno, mas aqui em casa é só espanhol, que esse é o idioma dela, agora.

Certo, a Venezuela, ele é um país que ele não progressou em nada, até agora, ele não se preocupa pelas pessoas, menos vai se preocupar pelo ambiente, por exemplo, não, tem muita gente que não conhece a questão, não tem essa cultura de reciclagem, de cuidar a água que você, por exemplo, tá bebendo, não, o pessoal lá é

muito quando eu saí, é muito assim, não tem essa questão de Você tem que aprender a, por exemplo, economizar energia, você tem que, como não paga, não tem essa questão do ahorro, sabe?

Não, não tem isso, o pessoal, eles vão na vida, tipo, não, hoje eu preciso sair e trabalhar pra comer, só isso Quando eu cheguei aqui, eu me deparei com uma cidade limpa, quando eu cheguei aqui, eu vi a cidade limpa. De qual cidade você veio da Venezuela? Da cidade Guayana, é o estado Bolívar, é o maior estado territorial da Venezuela, que ele é fronterizo com o Brasil, aí é um estado muito bonito, ele é muito verde, tem muitas áreas lindas, maravilhosas, só que nem o governo cuida e nem o pessoal se preocupa também por cuidar isso aí.

E quando eu cheguei aqui, eu me deparei com uma cidade limpa, muito seca, nossa gente, até hoje eu sofro com a questão do clima, mas eu percebi assim, eu não conheço toda Brasília, né? Não pode ser que tenha lugares que não é o que eu tô descrevendo, mas o que eu vi foi um lugar muito limpo, muito limpo assim, organizado, sabe? E eu falava sempre pro meu marido, a gente tá numa realidade totalmente diferente, mesmo estando no mesmo continente, em um país vizinho, mas é uma realidade totalmente diferente Aqui eu vejo que o pessoal tem essa questão de cuidar, de, ok, eu tenho que preservar isso aqui, eu não posso jogar o lixo em qualquer lugar, eu não posso ir pela vida, por exemplo, eu vou tirar o chiclete em qualquer lugar e, sabe?

Não, aqui, pra mim, eu vi que era totalmente diferente No início, aqui eu trabalhei várias coisas, quando eu cheguei foi de recepcionista, né? E eu não sabia nada, eu não sabia nem falar, mas foi o primeiro contato que eu tive assim de, beleza, você tem que aprender, eu já trabalhei de recepcionista, trabalhei no mercado, no caixa, trabalhei em um hotel de camareira, o que mais, gente?

O último emprego que eu tive foi em uma fábrica de vidros, eu comecei no caixa, eu tive que sair pela gravidez, foi decisão própria, só que aí eu tive muita oportunidade de crescer e de conhecer muita gente também, porque eu comecei no caixa, o meu chefe, ele fala até hoje comigo e ele fala assim Eu não apostava nada por você, eu falava, ela não vai dar conta, ela é de fora, entendeu?

Foi assim, eu falei, você não acreditou, mas era uma coisa minha, não, eu preciso crescer, eu preciso melhorar E aí eu alcancei a gerência do financeiro, do caixa, a questão de contas por pagar, eu alcancei um lugar melhor, eu tive que sair por conta da gravidez, porque eu não queria terceirizar a educação da Annie, era comigo, é comigo e foi por isso que eu saí Sempre foi de carteira assinada, todo mundo respeitou, menos o primeiro chefe, o primeiro chefe que eu tive, que foi esse que mandou eu procurar o CNPJ, ele nunca assinou minha carteira, aí ele, aqui falam, passou a perna, acho que é assim que fala, né?

Ele fez isso porque ele falava, não, eu não posso, porque você é estrangeira. Como eu não tinha conhecimento, quais são meus direitos, eu não tinha ninguém para me falar, não, você pode procurar isso aqui, isso aqui, ninguém tinha me orientado nessa questão, e aí, tudo bem, eu preciso trabalhar e o salário que você me dá no final do mês, é isso que eu preciso.

Só que aí, quando eu trabalhei com ele por nove meses, eu não ganhei nada, nada, eu perdi nove meses, assim, não vou falar que eu perdi, porque eu ganhei, foi o conhecimento de falar português, mas eu não ganhei, financeiramente eu não tive nenhum retorno, nada Foi assim, foi a única pessoa que eu penso assim, olha, ele não foi muito legal comigo, não. Bom, aqui no Brasil, fora meu primo, que vocês perguntaram também, fora meu primo, depois eu conheci uma igreja, pessoas que eu amo muito, porque foi com eles também que eu aprendi o português, aquela paciência de beleza, ela não tá, ela tá aprendendo, calma, respira, né?

É assim, porque eu nunca sofri aqui xenofobia, nem nada, mas eu já me senti um pouco constrangida de falar, por quê? Porque o pessoal ficava tipo, nossa, mãe, eu não tô entendendo o que ela tá falando, certo? E assim, não é obrigação deles entender o que é que eu tô falando, mas era complicado. Mas, nessa igreja que eu cheguei, o pessoal, assim, eles me receberam de braços abertos, muita paciência, eles ajudaram, contatos, eu queria morar em um lugar melhor, porque onde eu morava não era muito bom, aí eles me ajudaram a achar esse lugar que eu tô morando agora, e foi assim, foi com eles.

E com uma pessoa da igreja, eu conheci o CIL, eles me convidaram pra palestrar no CIO, aí eu conheci muita gente, muita gente mesmo daqui do Riacho Fundo 1, e eu acho que tem muita gente que, ah, eu já sei quem que é você, que a maioria do pessoal que eu conheço aqui foi daí, a maioria de amigos que eu tenho é daí, do CIL. Aí eu já fui no CIL do Riacho Fundo 1, do Núcleo Bandeirante, e há duas semanas atrás, três semanas, eu fui no CIL do Taguatinga.

As primeiras coisas que a gente pensou quando a gente casou na Venezuela, o Gabriel e eu, a gente casou no 2016, não vamos ter filhos, não, assim, até três anos atrás a gente falava, a gente não vai ter filhos. Mas era o medo de eu engravidar na Venezuela, era um medo, assim, surreal, pra mim não dá, eu não quero ter um filho aqui, não tenho oportunidade, não quero, não quero.

Quando eu chego pra cá, eu conheci a questão da rede pública, da saúde e tal, tudo que eu precisei me ajudaram, eu não vou falar, nossa, uau, é maravilhoso, mas ele atendeu, sabe, o que eu precisei até o momento, atendeu pra mim. Quando eu engraidei, genuinamente eu posso falar, eu não fiquei tipo, e agora, o que que eu faço? Assim, o que que eu faço?

Eu não vou dormir, não vou não sei o que e tal, o que o pessoal fala, mas a questão de saúde, eu não fiquei com medo, assim, pelo contrário, eu fiquei, ok, não é na Venezuela, pelo menos, foi isso que eu pensei, não é na Venezuela. E quando eu conheci, aqui na frente tem um posto de saúde, não sei se vocês perceberam, a minha gravidez toda foi aí, e foi assim, o acompanhamento mensal, assim, vem aqui, tem que tomar vacina, tem que tomar não sei o que, e tudo foi fornecido por eles.

E o que eu pagava era a questão da ultrassom, a ecografia, só isso, do resto foi tudo aí, e quando eu ganhei a Annie, também foi num hospital público, o atendimento foi maravilhoso, não posso, a minha mãe falava assim, parece que você tá em hospital particular, porque na Venezuela você não vê isso. Esse atendimento, por exemplo, que eu recebi aí, você tem que pagar muito dinheiro na Venezuela para receber esse atendimento, com acompanhamento e tal, tem aqui o que que precisa, tá tudo bem, medicação, alguma coisa, isso você tem que pagar muito dinheiro lá.

Aí quando eu vi tudo isso aqui, eu fiquei tranquila, e já tinha me falado, o pessoal assim, você vai no posto de saúde, você vai receber tudo, fica tranquila, tá tudo certo, e foi assim basicamente Sabe, o que eu precisei no momento, atendeu pra mim, quando eu engravidei, genuinamente eu posso falar, eu não fiquei tipo, e agora o que que eu faço, assim, o que que eu faço, eu não vou dormir, não vou não sei o que e tal, o que o pessoal fala, mas a questão de saúde, eu não fiquei com medo, assim, pelo contrário, eu fiquei, ok, não é na Venezuela, pelo menos, foi isso que eu pensei, não é na Venezuela.

E quando eu conheci, aqui na frente tem um posto de saúde, não sei se vocês perceberam, a minha gravidez toda foi aí, e foi assim, o acompanhamento mensal, assim, vem aqui, tem que tomar vacina, tem que tomar não sei o que, e tudo foi fornecido por eles E o que eu pagava era a questão da ultrassom, a ecografia, só isso, do resto foi tudo aí, e quando eu ganhei a Annie, também foi num hospital público, o atendimento foi maravilhoso, num posto, a minha mãe falava assim, parece que você tá em hospital particular, porque na Venezuela você não vê isso.

Esse atendimento, por exemplo, que eu recebi aí, você tem que pagar muito dinheiro na Venezuela para receber esse atendimento, com acompanhamento e tal, tem aqui o que que precisa, tá tudo bem, medicação, alguma coisa, isso você tem que pagar muito dinheiro lá, aí quando eu vi tudo isso aqui, eu fiquei tranquila. E já tinha me falado, o pessoal assim, você vai no posto de saúde, você vai receber tudo, fica tranquila, tá tudo certo, e foi assim basicamente.

Além dessa experiência da gravidez, você sentiu alguma diferença da condição do seu marido, sendo mulher num país novo, você sentiu a forma como era tratado, ou como você conseguia enfrentar as coisas diferentes dele? Para mim, olha só, na Venezuela, eu tenho oportunidade para todo mundo, né, na Venezuela, mas a situação também era para todo mundo, a dificuldade para eles também era para mim, quando eu cheguei aqui, para mim foi um pouco mais fácil a questão de oportunidade.

Não sei falar o porquê, mas tem um emprego aqui para você, a questão da paciência, a questão da acolhida, né, agora com ele, ele nunca teve um episódio de xenofobia, mas foi um pouco mais complicado para ele achar um emprego bom Até

para aprender o idioma, até para ele se adaptar, mesmo ele gostando, foi um pouco mais complicado, não sei o motivo, mas aqui eu vi que tinha oportunidade para mim, entendeu, assim, comparando com o meu país.

Porque eu já vi pessoas daqui do Brasil que falam, não, aqui é muito complicado, que não sei o que, assim, pessoal falando mal do Brasil, eu não questiono o porquê, cada realidade é cada realidade, eu não posso questionar, mas quando você pergunta para mim, não, para mim foi tranquilo, para mim foi, eu tive muita oportunidade aqui que o meu país, infelizmente, não me ofereceu. Eu tenho a minha bandeira da Venezuela aqui. Você pode mostrar para a gente? Sim, claro, peraí, eu vou pegar aqui.

Mami, o que fizeram com minha bandeira, gente, a seleção venezuelana perdeu e o meu marido, não sei o que ele fez com as minhas coisas, tinha o meu boné Mami, não viste minha bandeira? Peraí gente, peraí, eu vou achar. Aqui, achei, eu tenho três coisas que é do meu país. Esse é a minha representação venezuelana. Eu tenho a minha bandeira também, sempre que tem jogo, eu tenho que estar assim, jogo da Venezuela, porque eu apoio o Brasil também.

E também eu tenho a minha bíblia, que eu trouxe em espanhol, da Venezuela. Foi assim, Deus é meu refúgio, é meu lugar seguro. E foi assim, o primeiro que eu, onde eu, assim, me apoiava quando eu estava aqui, que eu não tinha ninguém e tudo. Aqui ó, na palavra eu procurava e na minha língua, porque eu não sabia ler em português na época. E até hoje eu conservo a minha bíblia que eu trouxe da Venezuela e não entrego para ninguém, é minha e basicamente é isso.

Encerramento com vídeo de despedida da entrevistada

Anny, muito obrigado, tchau, tchau

Card de encerramento

Sob som

 NANJI - COMPLETO.mp4

APÊNDICE C — Roteiro Vídeo Nanci (formato para redes sociais)

01

Card de abertura

Sob som

Segue entrevista

Desce som

Apresentação conforme decupagem igual ao vídeo completo

Card de encerramento

Sob som

02

Card de abertura

Sob som

Card “Educação”

Segue entrevista

Desce som

Resposta conforme decupagem igual ao vídeo completo

Card de encerramento

Sob som

03

Card de abertura

Sob som

Card “Meio Ambiente”

Segue entrevista

Desce som

Resposta conforme decupagem igual ao vídeo completo

Card de encerramento

Sob som

04

Card de abertura

Sob som

Card “Trabalho”

Segue entrevista

Desce som

Resposta conforme decupagem igual ao vídeo completo

Card de encerramento

Sob som

05

Card de abertura

Sob som

Card “Rede de apoio”

Segue entrevista

Desce som

Resposta conforme decupagem igual ao vídeo completo

Card de encerramento

Sob som

06

Card de abertura

Sob som

Card "Gênero"

Segue entrevista

Desce som

Resposta conforme decupagem igual ao vídeo completo

Card de encerramento

Sob som

07

Card de abertura

Sob som

Card "Identidade"

Segue entrevista

Desce som

Resposta conforme decupagem igual ao vídeo completo

Card de encerramento

Sob som

APÊNDICE D — Vídeo Nanci (link formato para redes sociais)

01

 NANJI - 01.mp4

02

 NANJI - 02.mp4

03

 NANJI - 03.mp4

04

 NANJI - 04.mp4

05

 NANJI - 05.mp4

06

 NANJI - 06.mp4

07

 NANJI - 07.mp4

APÊNDICE E — Roteiro Vídeo Raissa (formato completo)

Card de abertura

Sob som

Segue entrevista em sequência

Desce som

A gente estava falando entre os parentes dessa sensação de ser um refugiado dentro do seu país. Eu me chamo Raissa Matos, eu tenho 25 anos, sou arte educadora, cantora, colagista e estudante. Eu sou uma mulher indígena, eu sou do povo potiguara, é um povo lá do Ceará.

E por questões de violência doméstica e vulnerabilidade, os meus parentes tiveram que sair do Ceará e ir para o Maranhão. E aí eu nasci no Maranhão, eu sou de Bacabal, é um território ali no interior do Maranhão, onde passa o rio Mearim, e tem muito território indígena ali. E eu tive que sair do Maranhão pequenininha, por questão de vulnerabilidade também, nem a maioria aqui das pessoas que moram no Distrito Federal, que saem dos seus territórios de origem, como os ancestrais deles também tiveram que sair ali, largar sua origem, sua tradição para fugir.

Eu moro aqui em Brasília desde criança, cheguei aqui, eu tinha uns 6, 7 anos de idade, que eu tenho memória aqui. E desde então eu continuo sendo uma mulher indígena na cidade, e muitas vezes passa a percepção, as pessoas têm a percepção de que eu não sou indígena, ou até de que eu não sou daqui. Eu tenho a sensação de que eu sou imigrante, que nem as pessoas falam.

São pessoas que saem de outro território, falam muito da questão de sair do país de origem, e estar em outro território, por N situações. Mas essa sensação de se sentir imigrante é por estar em um corpo onde eu não me sinto reconhecida, me sinto estranha, tipo um alienígena mesmo, para não falar outra coisa. Eu poderia falar outra coisa, mas às vezes a situação é de alienígena, tipo abrir a porta do apartamento e olha lá a índia, porque ela não está na Amazônia, na floresta.

A minha avó não era indígena, ela se casou com um indígena e teve muitos problemas, no território ali, coisas que eu não posso falar muito. Mas aí ela se separou dele e acabou levando as meninas com ela. E aí, desde então, mesmo sendo indígena, eu acabo não tendo contato, assim como normalmente os parentes têm, que saem do seu território.

Mas estou aqui, num território, aqui no Cerrado, onde tem milhares de indígenas que moram na cidade satélites. E é muito bom estar podendo falar sobre isso, porque é uma sensação comum dos parentes que eu converso, que moram aqui em Brasília, essa sensação de você sentir um corpo estranho, imigrante, um território que é originário. Ao longo dos anos, os nossos parentes costumam estar sempre trocando, imigrando, nesse território aqui, que é chamado de Abyayala, em algumas culturas.

A gente fala que é Pindorama também, nessa região aqui, Brasil. Então, são muitos nomes para muitas culturas que estão, ao longo dos anos, se mudando e fugindo das consequências da colonização, da exploração, dos costumes que, enfim, perem o nosso futuro. Graças ao trabalho da minha mãe, sendo mãe solo, ela correu muito atrás.

Eu tive um suporte básico, não me faltou comida, não me faltou estudo, mesmo ela não me ajudando em casa, porque ela não se formou e tudo, mas ela sempre foi muito guerreira. A gente tem costumes diferentes, porque ela veio de outra realidade. Geralmente, quando as pessoas vêm de uma realidade atravessada de traumas, a pessoa quer evitar, então ela evita um pouco essa questão.

Eu, aqui, atualmente, estou por conta própria mesmo, conto com o apoio do meu companheiro, conto com o apoio de outras pessoas, de outros parentes, que fazem eu não esquecer do meu propósito, que é me valorizar, mesmo sendo um corpo que é olhado como estranho, me valorizar, estudar e poder buscar algo melhor. Eu fui estudando aqui, estudei muito em escola pública, inicialmente em escola pública. Para adaptar à escola pública, vindo de uma região do interior, eu acabei tendo um conhecimento mais autônomo.

Eu sempre fui muito de correr atrás, tanto que eu fui indo atrás de bolsa de estudo, acabei estudando em escola particular, tipo Objetivo, COC, ALUB, tudo com bolsa. Correndo atrás, pensando em melhorar de vida, pensando em um dia me retirar para o mato, me migrar para o mato. Estou correndo atrás até hoje.

Hoje eu estudo Serviço Social na Universidade de Brasília, estou quase me formando e estou querendo seguir essa carreira como assistente social, artista, e poder

um dia migrar para a minha terra. Meio ambiente, as pessoas acham que estamos falando da floresta, da árvore, mas tudo aqui é um meio que estamos ambientados. Tudo isso aqui foi um dia um território originário com as suas diversas espécies.

E aqui, mesmo nesse território, nessa cidade, nesse concreto, sob esse asfalto, a gente continua no meio ambiente, só que no meio ambiente doente, enfraquecido. Eu percebo isso, a questão do meio ambiente, estando aqui na cidade e sofrendo preconceito, humilhação, dificuldade com acesso às políticas sociais, políticas públicas de seguridade, para conseguir consulta em hospital, público é difícil. A gente vive à mercê dessas... Como eu posso dizer? Desculpa.

A gente vive à mercê das consequências desses modos de vida mesmo. Então, a gente tem que pensar cada vez mais como curar essa doença e como repensar o modo da cidade, como ela se estrutura, como ela funciona, regula os modos de trabalho, como eles são atravessados na vida das pessoas. Quando entra nessa questão do meio ambiente, falar de demarcação é muito importante, porque é com a demarcação que a gente consegue proteger um pouquinho que ainda tem aqui no Cerrado.

O Cerrado aqui, às vezes eu chamo de cidade-cemitério, porque aqui é um território indígena, originário, e que ao longo dos tempos recebeu vários outros indígenas e não indígenas, e pessoas que não saem, que são indígenas, protetores da floresta, e que sofrem com especulação imobiliária. Por exemplo, ali no Noroeste é território onde vivem povos de várias etnias. Ali tem um povo de peso, o Guajajara, mais de 200 pessoas que moram ali e que sofrem com desassistência do Estado, de políticas de seguridade social, de saúde, educação.

Os curumim têm que ir para a escola, que é em outro lugar, não tem a própria escola ali indígena. Então, acho que falar de demarcação é muito importante, porque é com a demarcação que a gente preserva um digno meio ambiente, porque isso aqui não está digno, não. É uma fantasia mesmo.

Tem um monte de prédio bonito e tudo mais, mas está cada vez mais quente, está cada vez mais difícil, às vezes, respirar. Boa pergunta. Isso, inclusive, vai ser tema do meu terceiro ser.

Eu ainda não comecei a fazer, mas estou vendo que é uma questão que a gente tem que pensar aqui. Por exemplo, eu já morei em aldeia aqui no Noroeste e as pessoas têm a concepção de uma coisa na aldeia, mas na aldeia existe muita pobreza, muita falta de acesso e tudo mais. Normalmente, as situações de trabalho, emprego, é muito complicado.

Geralmente, são no terceiro setor, setor de serviço, da informalidade. Muitos parentes que ainda puderam aprender no seu território ali a confeccionar, a produzir o seu artesanato, muitos ficam aqui no centro da cidade vendendo. E agora, com as políticas públicas de cota, a gente vê muitos parentes se formando e assumindo postos de trabalho que comumente é um local muito privilegiado mesmo.

Como mulher indígena, eu carrego o fato de me sentir estranha no território aqui com esses modos de vida que nos afastam das nossas origens. Eu percebo que as pessoas costumam sexualizar muito, sofrer assédio direto. Então, é indiazinha ali, indiazinha aqui, para não falar outras coisas.

Então, eu me sinto assim, cotidianamente, eu me sinto estranha e assediada como pessoa que carrega uma ancestralidade e que, ao longo da história da minha vida, da minha família, tive que fugir do território, da origem. Mas estou aqui retomando, mesmo na cidade. Nós, indígenas aqui da cidade, a gente fala muito sobre isso, de retomar, porque mesmo em outro território, migrando e tudo mais, a gente tem que retomar a nossa cultura.

No Estado brasileiro, a gente tem órgãos e entidades que fiscalizam o povo indígena. Tem a FUNAI, por exemplo, temos a CASAI, são instituições que acolhem os povos indígenas na saúde, com programas de política social e tudo mais. Mas a FUNAI não é dos indígenas.

A FUNAI é dos indígenas, a gente ainda não se sente acolhido, não. Por isso que a gente costuma chamar uma pessoa originária que é de outra etnia, mesmo que ela não seja da família próxima, a gente chama de parente, porque essas pessoas acabam se solidarizando e fortalecendo a luta. Lá no Memorial eu tenho a oportunidade de estar fortalecendo, estudando mais a minha cultura, porque como eu não tive acesso por questões de fugir de violência, vulnerabilidade e tudo mais, eu tento aprender para

um dia poder passar para os meus filhos, que um dia passam para os deles, para deixar alguma memória, alguma sementinha acesa de onde a gente é. E que, independente de onde a gente esteja, a gente tem que fazer o lugar casa, um lugar bom.

Araporã é um lugar bom, um lugar onde você faz o possível para estar bem, com a família, com os parentes, estar forte, se alimentando bem. E a cidade, às vezes, é a casa dos retirantes que vem aqui para fundar essas estruturas que regulam o sistema, o modo de vida. A cidade, às vezes, oprime, às vezes não, ela oprime, ela afasta a gente da nossa cultura, do nosso contato com as nossas raízes.

Então, a maneira que eu estou aqui na cidade, como retirante, é poder estar fortalecendo mesmo esse aprendizado, aproveitando as oportunidades. Não pode desanimar, porque eles tratam a gente como inferior e tudo mais. Então, tem que correr atrás, se apoiar nos parentes, ou em quem não é parente também, em quem quer viver minimamente bem, tranquilo.

Independente do lugar onde esteja, na cidade, no pato, em outro país, em outro território. Tudo é território, tudo é casa. Isso aqui é pintura de jenipapo.

Nós, povos originários, costumamos fazer pintura de jenipapo para proteger o corpo, o espírito, de mau olhado, da energia. Às vezes, as pessoas olham para a gente tão estranho, como eu falei, como alienígena, que é bom ter uma pintura para proteger desse mal. E aqui está meio apagadinho, mas aqui é uma jiboia.

Este aqui foi um parente Guajajara que fez. Meu braço estava meio machucado, aí ele fez aqui para fortalecer. Este aqui é potiguara mesmo.

É uma colmeia. Na nossa cultura, os potiguaras costumam fazer uma produção de mel. Tem muita essa conexão com as colmeias, com o trabalho coletivo.

Este aqui representa a colmeia, a força da casa, das abelhas, dos trabalhadores coletivos. O meu nome indígena é relacionado à raiz. Minha mãe me deu raiz.

Meu nome indígena é relacionado à raiz. Raporã. Raporã.

Rapó é raiz. Porã, bonita. É uma raiz bonita.

Raiz bonita potiguara. É o nome que minha mãe me deu. Mesmo a gente não tendo contato, proximidade, por questões N da vida, eu carrego, desculpa, eu carrego esse nome que ela me deu, essa homenagem à raiz.

Encerramento com vídeo de despedida da entrevistada

Então é isso.

Card de encerramento

Sob som

APÊNDICE F — Vídeo Raissa (link formato completo)

 RAISSA - COMPLETO.mp4

APÊNDICE G — Roteiro Vídeo Raissa (formato para redes sociais)

01

Card de abertura

Sob som

Segue entrevista

Desce som

Apresentação conforme decupagem igual ao vídeo completo

Card de encerramento

Sob som

02

Card de abertura

Sob som

Card "Educação"

Segue entrevista

Desce som

Resposta conforme decupagem igual ao vídeo completo

Card de encerramento

Sob som

03

Card de abertura

Sob som

Card "Meio Ambiente"

Segue entrevista

Desce som

Resposta conforme decupagem igual ao vídeo completo

Card de encerramento

Sob som

04

Card de abertura

Sob som

Card "Trabalho"

Segue entrevista

Desce som

Resposta conforme decupagem igual ao vídeo completo

Card de encerramento

Sob som

05

Card de abertura

Sob som

Card “Rede de apoio”

Segue entrevista

Desce som

Resposta conforme decupagem igual ao vídeo completo

Card de encerramento

Sob som

06

Card de abertura

Sob som

Card “Gênero”

Segue entrevista

Desce som

Resposta conforme decupagem igual ao vídeo completo

Card de encerramento

Sob som

07

Card de abertura

Sob som

Card "Identidade"

Segue entrevista

Desce som

Resposta conforme decupagem igual ao vídeo completo

Card de encerramento

Sob som

APÊNDICE H — Vídeo Raissa (link formato para redes sociais)

01

 RAISSA 01.mp4

02

 RAISSA - 02.mp4

03

 RAISSA 03.mp4

04

 RAISSA - 04.mp4

05

 RAISSA - 05.mp4

06

 RAISSA - 06.mp4

07

 RAISSA - 07.mp4